WARLEY MATIAS DE SOUZA
ABORTOS
poesia kitsch reciclada

Warley Matias de Souza

ABORTOS

poesia *kitsch* reciclada

Trevo

O cordão se rompe, a encruzilhada se faz ver: muitos caminhos a seguir, decidir aonde ir e procurar o que fazer. Provar que é independente, manter-se sempre consciente e nunca retroceder.

Arrogante e prepotente, o jovem torna-se um deus. Mas um dia vem o choque, ao saber que é deus do *rock*, não deus imortal. Arrependimento, por ter ficado no centro, ou seguido a folha errada, do trevo.

30/05/1993.

Reflexo

O reflexo é a sutileza de um olhar.

1995.

Prisão sem grades

A dor não é física, mas metafísica.
Uma prisão sem grades é uma prisão sem portas.

27/04/1995.

Reflexo inevitável

Fugir do inevitável é como fugir de si mesmo: quando se depara com o espelho, ele se quebra.

11/05/1995.

O grito

Estou gritando, em silêncio: meu grito silencioso querendo o infinito, diante do poder que é limitado.

08/06/1995.

Miséria

Escárnio, dor e podridão. Trapos fétidos, pés no chão. Olhos remelentos, anuviados. A boca arreganhada: escárnio, dor e podridão.

07/07/1995.

Criança

Para Wellington.

Criança, tua inocência mágica transforma o nosso planeta em bola de futebol. Teu velotrol é uma nave possante. Um simples cano torna-se luneta. Teus braços podem ser asas. Teu olhar é um misto de curiosidade e transgressão. Teus lábios inocentes proferem a verdade. São mágicas para ti as bolhas de sabão. Teus passos são passos de gigante. E és tão frágil como uma flor. A flor que tu esmagas, sem maldade, entre as tuas mãozinhas infantis. Teu choro é um grito, e teu sorriso é um sol. Teu tempo é marcado por uma flor que nasce, uma fruta que amadurece, um sonho que dá lugar a outro.

Mas, minha criança, um dia, tu perderás a inocência, e a vida matará em ti a capacidade de sonhar. Tão pequena diante do mundo, tu desejarás adormecer.

Não adormeças, criança. Por favor, não adormeças.

09/08/1996.

Dia frio e cinzento

Folhas caem com o vento. É a vida que se vai. A tristeza do momento. Beijos, flores, acalento. Penumbra que sobre o dia cai.

18/08/1996.

Inevitabilidade

Conformar-se é estancar a revolta, receber o destino como se recebe a morte: inevitavelmente.

04/09/1996.

Vampiro sedutor

Eram olhos sedutores, que traziam, com malícia, a mais estonteante carícia, o mais lascivo amor.

Eram suculentos lábios vermelhos, sangue pingando das alvas presas, de um vampiro sedutor.

Abria sua capa negra e mostrava o corpo nu, corpo que jamais via o sol, jamais.

Na noite escura, uivando como um lobo para a lua cheia, ele desejava mais que o meu corpo, a minha veia.

Era um misto de homem e animal, profana divindade, natural e sobrenatural, maculada virgindade.

Aquele vampiro sedutor, sensual, sugou-me o sangue com ardor, com amor sepulcral.

Dividimos hoje a mesma dor, o mesmo túmulo.

06/05/1997.

Olhos tristes

Olhos Tristes, vi um anel em sua mão. A quem seu coração pertence?

Quis beijar o seu pomo de adão e sentir o calor da sua pele quente.

Mas você nem sequer me olhou, nem de relance, não encontrou os meus olhos suplicantes.

Agora o seu rosto já se tornou nebuloso, era manhã e já é noite.

Tenho a certeza de que nunca mais o verei.

Foi um sonho, um momento.

Mas não me esqueço dos seus olhos. Olhos que, apesar de não me verem, eram olhos tristes.

05/11/1997.

Sangue

Os justos morrem cedo. Mas sofrem tanto, tanto, tanto, que a morte é um descanso. Os justos morrem cedo.

Sobrevivem os vis e pérfidos. Fazem as leis. E nós seguimos pávidos, resignados, cordeirinhos dos reis.

Mas entre nós sempre há um justo que se erguerá, para desafiar os desmandos e acabar como tantos. Num paredão qualquer respingado de sangue, sentindo no peito a esperança exangue, que se desfaz sob o peso do chumbo.

Fuzilado. Não pôde mudar o mundo.

21/11/1997.

El torero

I

Ó meu pássaro gigante, é tão fácil te amar! Nunca percas o rompante, a coragem de ousar, de roubar da vida um beijo, como o que te entreguei, pois depois daquele beijo, todos todos eu te dei.

És meu pássaro, amado pássaro, ensinando-me a voar...

27/09/2000.

Estações

Inspirado no poema “Família desencontrada”, de Mario Quintana.

A Primavera é um bebê de olhos vivos, face de menina, sorriso sem dentes, que chora com toda a força dos pulmões, querendo peito, para sugar a vida.

O Verão é um adolescente cheio de espinhas, o desejo à flor da pele, com todas as possiblidades pela frente. Às vezes, explode em lágrimas; outras vezes, irradia um sorriso. É imprevisível, intenso.

O Outono é um homem adulto, parece saber o que quer, que caminho seguir e como tudo deve proceder.

O Inverno é um velho friorento, sentado numa poltrona, diante da televisão. Descobriu que sabe menos do que pensava e espera ansioso a Primavera chegar, deseja recomeçar.

Então, o Sol desperta, ilumina e aquece, as flores nascem, encantam e fenecem, o vento sopra, destrói e liberta, as folhas caem e cobrem o chão.

E as chuvas lavam... e as chuvas levam...

05/04/2001.

Saudade

Suas asas são imensas e não cabem na minha gaiola.

O medo que eu sentia é inevitável agora.

As asas que o levam foram minha proteção de outrora.

E dentro desta gaiola vazia, sob aquela Lua fria, eu me afogo em pesadelos.

Foram inúteis meus desvelos, ele está distante agora.

28/04/2001.

Algo

Em meio a comprimidos e palavras, a minha lucidez delírio é.

Já não sei se aquilo que me invade, dor, desamor, solidão, é mentira ou verdade, realidade ou ficção.

Sei que já não sou nada, pois tudo tenho a perder.

Nesta breve caminhada, nesta minha longa estrada, nem a morte foi amada, nem a vida pôde ser.

Foi um dia, quem me dera, inebriado de quimera, sorver um copo de prazer.

Eu estava tão cansado, tão confuso e irado, meus olhos não podiam ver.

Da ciência sou cobaia e à vida já não posso recorrer.

24/10/2001.

Aflito coração

Pulmão sem ar turva o olhar.

O desespero produz lágrimas, que a água faz dissipar.

As mãos procuram em vão por quem sabe outra mão.

O meu cérebro pede ar, vai parar de funcionar.

Não poderei esclarecer a natureza do meu ser.

Diante dos olhos da morte, verei as costas da vida.

Os lábios roxos que gemeram, as mãos magras que tremeram, logo morrerão.

Serei corpo vazio. Minh'alma corre. Está frio.

A luz divina perde-se na imensidão.

Não posso mais aguentar. Meus joelhos vão se quebrar. Entrego-me à submissão.

O nada é uma ilusão.

Que pena! Continua minha aflição.

24/10/2001.

Solução

Se uma porta Deus fechar, uma janela abrirei. Mas se a força me faltar, com o sopro do vento contarei. E quando a janela se abrir, e o sol entrar e a meus cansados olhos ofuscar, o vento amigo, em meu rosto lívido, sorverei, a plenos pulmões, até sufocar. Do meu corpo então me libertarei. Serei alma. Serei vento. E alimento. Serei tudo que a natureza quiser. Serei homem e mulher. Serei o que tiver de ser. E não me importarei com o que venham a dizer aquelas pobres e ignorantes almas que só conhecem a porta e desconhecem a chave.

04/11/2001.

Constatação

Todos pela vida passam. Mães, irmãs, pais, irmãos, namorados e maridos, amigos.

Todos são transitórios, independe do nosso querer.

Se não vão por vontade própria, a morte os pode querer.

Todos são almas livres que não se prendem a nós.

Que divina e fatal vertigem! Ser ilha pensando não ser.

04/11/2001.

El torero

II

Ó meu pássaro errante, doloroso é te amar! Minha alma sufocava no veneno do teu beijo, beijo que eu roubava, pois já não me davas.

És meu pássaro, malvado pássaro, ensinando-me a voar...

26/11/2001.

Amor/ Desamor

Temo o seu desamor, que ele me abandone, que ele me decepcione. Temo a minha e a sua dor.

Ele sabe que sou vulnerável, seu abraço pode me matar, se estou triste ou instável, seu amor pode me torturar.

O tempo passa lentamente, e a longa distância provoca-me ânsia, deprime a minha mente.

O ciúme me rói, tenho medo de pensar.

A solidão dói, mas eu tenho de esperar.

O que ele sente, nos dias e noites, quais finos açoites, em que estou ausente?

Não quero mais chorar se ele não está presente. Não quero mais me magoar com esse amor recente.

Ele viveu outros amores e aprendeu com o sofrimento. Então me ensina essas dores, para o meu amadurecimento.

Depois de amar assim, não serei mais o mesmo, meu amor não será o mesmo, algo se quebrou dentro de mim.

Fico triste em saber que o grande amor que posso dar, que o poder de me entregar, eu tenho de perder.

Só queria que ele soubesse que ele é a minha vida.

Ah se eu pudesse curar sua ferida!

No início havia paz e sorriso. Sem medos e lágrimas, sem mágoas e chagas. Tenho saudade disso.

Parece que sempre vou amar mais do que me amam. Parece que sempre vou chamar mais do que me chamam.

2001/ 2002.

Fantasma

Fantasma de um passado que eu não sei se vivi. Sentimento de algum antepassado a quem sequer conheci. Angústia inalterada e secular neste meu frágil coração. Grande dor que não tem lugar, pois só cabe a solidão.

Sem querer me vem à tona aquela traição vil daquele monstro que me engana com seu falso olhar sutil.

Eu não tenho um companheiro, meu amado é um marinheiro que navega em outros corações.

O tempo engana, mas a dor ainda é chama que não quer se apagar.

28/03/2002.

Fantasia

Querer, voar o mundo, transpirar congelado dentro de um segundo.

Em meu peito, revoadas. São pássaros de desejos profundos que resistem e desistem de vir à tona e ficam na redoma que ainda pode conter a fúria que grita insana: “Ó jovens de pele viçosa! possuam meu corpo, quebrem, com mão musculosa, de uma só vez, o meu dorso”.

Gemidos e esgares e arquejos, beijos, bocas molhadas, frontes suadas, mais de dois corpos se misturam, ardentes e insanos se procuram.

Nebulosa consciência em que tudo é permitido.

Alguns ainda ardentes, outros já saciados.

Desaparece a ilusão, depois que meu corpo estremecidamente geme em profunda e esplendorosa explosão.

Adormeço.

05/04/2002.

A voz

A Frank Sinatra.

O que dizem de mim? Quem saberá se fui mesmo assim? Amei demais e quis me matar. Tive muitas mulheres e traí sem pensar. Minha voz e meus olhos azuis seduziram o mundo. Eu me iludi e deixei a humildade de lado. Erros cometi e com bandidos me envolvi. Por ser machista fui condenado. O que dizem de mim é mentira ou verdade? Nem mesmo eu sei. E quem saberá? Tudo aquilo que senti e tudo que aprendi não têm mais importância. Ficaram para vocês a minha voz e a lembrança de meus olhos azuis. E quem saberá quem fui? Quem realmente saberá quem fui? Eu sou A Voz! Somente uma voz e olhos azuis.

18/04/2002.

Procura

Cadê os versos? Espera o regresso.
Cadê a inspiração? Morreu a musa.
Cadê os leitores? As poesias estão solitárias.
Cadê o poeta? Recolheu-se à sua insignificância.
Sem versos, sem inspiração, sem leitores.
Um poeta morto que recusa a morte.

13/11/2002.

Fitzgerald

Meu anjinho barroco, filho de Mariana, com vaidosos cachinhos dourados, mão forte e suave que segura a harpa, pronto para utilizar as asas.

Fitzgerald, seu sorriso baiano tem a alegria e a simplicidade de anjos que despertam paixão.

Segredos que não houve, beijo beijos que não houve, corpos que não se entregaram.

Fitzgerald, filho de Santana e Mariana, para sempre no meu coração, para sempre.

Fitzgerald, anjo, amigo, irmão.

2004.

Musa inspiradora

Dor que invade os poetas do asfalto, com sua língua viscosa, entre lábios vermelhos, lambe o sangue dos paridos anseios.

Elegante e torpe sobre o salto alto, ao parir minha ode odiosa, vomita o seu escárnio sobre os nossos corpos nus.

12/06/2004.

Palavras

Não serão as musas encantadoras nem Apolo deus da beleza que me farão cantar serão as mágoas as dores partos malsucedidos os nãos os olhares que desviaram de mim enfim a angústia que me faz chorar palavras desconexas e ambíguas palavras que nem o vento pode organizar palavras que os ouvidos sentem estranhas palavras que o coração sente que a boca seca que os dentes mordem que o estômago processa e que o ânus devolve ao mundo como merda nada em estado de transformação serão palavras de ódio de medo palavras sufocadas violentadas pelo meu sexo grande e voraz aquecidas pela minha pele de gelo palavras que se misturam em línguas palavras multirraciais multinacionais palavras de texto sem autor de cartas não respondidas de telefonemas silenciosos de grunhidos impalpáveis palavras desbocadas de origem incerta de destino incerto de vida incerta de perda certa palavras que não têm o olhar do amor que não há do tesão que é só meu palavras mudas e desnudas tristes e sem dono palavras que gritam e que calam que escorrem como visgo que volatilizam como volatiliza o volatilizável palavras que não são desejos insaciados fúria de vida e inquietude da morte bem-vinda maldita bendita e vazia palavras que chegam como furacão que socam rostos amenos de formas disformes que levam homens ao abismo que transformam medo em fúria amor em ódio dor em prazer que fazem do vice-versa um versa-vice e da solidão uma palavra e de uma palavra a solidão palavras de gestos contidos olhares fugidios

desprezo de punhal palavras que saem da boca de gênios imbecis engroladas na boca de idiotas sensíveis palavras que falam do sim e do não do nada do cada palavras que dizem desdizendo e desdizendo dizem palavras intertextuais parodisíacas megalomaníacas enxurrada de palavras em vão palavras que olham sem sorrir e mordem bocas que se calam palavras de mortos vidas sepultadas em palavras que se calam palavras como estas que dizem tudo não dizendo sequer a metade palavras imaginárias pássaros vazios apunhalados pelo desejo de voar e encurralados pelo espaço infinito

02/07/2004.

Verbete

Voz *sf abstrato* **1.** Manifestação do eu. **2.** Emanação da alma. **3.** Sufocamento transformado em desabafo. **4.** Dor sonora. **5.** Tempestade contida. **6.** Alívio momentâneo. **7.** Tentativa frustrada de materializar o pensamento.

25/08/2004.

O poeta e o rei

Sentimento retido no peito foi despertado pelo nobre a quem era de direito.

Imperador do meu desejo, senhor do meu corpo, conquistador da minha alma, sentado no seu trono de ouro, ao lado do meu trono de prata.

Minha voz trêmula hesita nas palavras de amor. Mas meus olhos sinceros não escondem a verdade.

Minha voz canta versos para não dizer a frase sagrada. Pois tudo que é dito se acaba.

Os poetas não só amam, também temem. Os poetas não só cantam, também choram. Os poetas não só morrem, mas também vivem de amor.

Em um castelo virtual, a história começou. Este poeta encontrou um rei por quem se apaixonou. O poeta e o rei reencontraram o amor.

O poeta diz palavras que o rei não consegue entender. O poeta ouve palavras que o rei não quis dizer.

Imperador da minha alma, aceita com calma este meu amor. Aceita este poeta vagabundo, que só pode ser feliz no mundo quando encontra a dor.

O poeta quer dizer que a culpa destas linhas é…

Pois o poeta canta quando está encantado.

É nobre o meu sentimento: é amor. É justificado o meu sofrimento: é saudade.

O esperma seco, na fronha da madrugada, tem o perfume das flores.

O sorriso do amado é o bálsamo da ferida do coração apaixonado.

28/08/2004.

Gozo

Botas bandeirantes no lamaçal escaldante.

Barba por fazer e lábios que cortam.

Esquecimento de mim na lembrança daquele homem, de dedos longos e grossos, de pelos fartos e lascivo desenrolar de braços.

Muco gozo dor olhos falsos frios.

A voz doce e fugaz colérica se tornou.

Lábios finos pele quente olhos frios.

Carinho artificial engana o meu prazer.

O coração não bate de emoção, mas por necessidade.

Uma viagem marcada.

E o eterno desenlace de corpos desconhecidos.

A raiva! A raiva!

Onde a voz doce que prometia eternidade?

Perdeu-se na garganta, que engoliu o meu gozo, e transformou-se num rouco vômito amargo.

Como um pássaro infeliz amarrado aos pés da cama, sinto a fria língua que roçou meu falo lamber os próprios lábios secos sob o Sol escaldante, no lamaçal em que aves voam em pranto, sem sentir nem saudade nem rancor nem remorso.

2005.

Pesadelo em dia claro

Ela apareceu no meu sonho-pesadelo, naquela tarde quente de verão janeiro.

Meu corpo contorcia-se extático e suado.

A porta era arrombada inutilmente.

Ela se deitou sobre meu corpo exausto.

E como se eu a conhecesse desconhecendo-a, repeli seu beijo molhado, assustado eu estava.

“Quem é você?”, perguntei.

E consegui ver seu rosto belo, claro, olhos lacrimejantes, nariz ruborizado, o cabelo curto sobre o semblante de mulher.

A beleza não fugia diante de sua dor e chorar constantes.

Sua mudez chorosa me atormentava, enquanto eu perguntava: “Quem é você?”.

Mas o telefone tocou, tirando-me do transe.

Calor inferno dor.

“Alô!”

Uma voz doce e fria disse o meu nome.

25/01/2006.

Anjo verde

Para Tiquinha.

Vai, anjo verde! Estás livre do cativeiro. Finalmente. Podes voar. Vai, anjo verde! Voa livre. No infinito céu. Além. Vai, anjo verde! Plana nos ares etéreos. Céus eternos. Enquanto ouço, sonolento, o farfalhar de suas asas amigas. E vejo, saudoso, sua cabeça erguida. Olhos atentos, sem perder de vista o seu destino. O infinito

02/04/2006.

Flávia

Selvagem no olhar, no sorriso, no seu caminhar. Olhar amoroso. Olhar furioso. Olhos de mar. Devoradora de corações. Devorada por corações. A figura feminina mais feminina que conheço. Diferente das meninas chatas, dissimuladas e obscuras da minha história. Ela é diferente. Diferente e melhor. Ela é como um livro delicado e surpreendente. Posso ler o seu sorriso. Posso ler. Amargura, desejo, alegria. Posso ler. Medo e coragem. Posso ler. O olhar. Ah, o olhar. Tão claro. Fugidio às vezes. Severo às vezes. Cruel às vezes. Mas sempre claro. O seu caminhar cansado. O seu ar juvenil. O seu passo hesitante e firme. Malandragem carioca. Deliciosa desconfiança mineira. Inteira. Apesar dos cacos. Íntegra. Apesar das tentações. Vigorosa. Apesar do cansaço. Transparente. Apesar da desconfiança. Sensata. Apesar da tormenta. Querida. Apesar dos pesares. Otimista. Apesar de mim. Amada. Apesar dos desamores. Amada. Sempre amada.

16/06/2006.

História triste

Eu serei uma história triste de ser contada, cantada pela boca envelhecida de amigos esquecidos. Serei uma história triste de ser contada, um drama piegas na voz bruxuleante dos esquecidos. Uma história triste de ser contada.

15/10/2006.

Os morcegos

Os morcegos gemem, nesta noite úmida e fria.
Os martelos da morte retinem sobre metais.
Um zumbido estranho deixa-me tonto.
É assustador.
Não tenho mais medo do escuro.
É assustador.
Não tenho mais medo dos mortos.

23/10/2006.

Anjos decaídos

Não adianta o engano, achar que somos anjos decaídos que merecem uma segunda chance. Somos homens, homens ordinários, mesquinhos e prontos, prontos para dar o bote diante do primeiro descuido da presa.

08/11/2006.

Olhar de cão

Quer coisa mais triste que os olhos de um cão? Em seu olhar canino, está toda a miséria do mundo!

E é assim que vos olho, tantas vezes. Assim, com olhos de cão, como outros também me olharão.

Assim, com tristes olhos de cão.

10/11/2006.

Nas marcas do meu rosto

Nas marcas do meu rosto. Na lascívia da minha mente. Na desordem do meu querer. No tempo e no espaço. Nos meus versos. Estou me perdendo.

26/05/2008.

TOC TOC

No escuro do banheiro, a torneira pode estar aberta, a esvair toda a água do mundo.

A cozinha fria pode estar sendo invadida pelo gás, pela explosão.

A lingueta da porta esconde-se diante dos meus olhos.

Há serpentes venenosas sob minha cama vazia.

Meus olhos duvidam da realidade.

E leio uma palavra mil vezes para convencer-me de que ela realmente existe.

Tenho insônia.

Meu coração acelera, sem ritmo.

Tenho sono.

Digo o nome de uma mulher morta.

TOC TOC.

Tenho medo.

Não são passos.

26/01/2009.

Cigarro, mulheres e *bardaches*

A vida não é sopa e nem bolinho. O ritmo da balada é o que me inflama. Não posso encarar assim de frente as apocalípticas serpentes.

Vou tentar fugir, cuspir na cara. Vou tentar fugir, a dor é rara.

O sorriso podre do senhor ao lado faz lembrar que tudo não passa de um momento.

Beijo bocas velhas que enganam o tempo.

Sinto cheiros como sonhos.

Tenho toda uma vida pela frente.

Há vampiros cansados morando em minha mente.

Vou tentar fugir, cuspir na cara. Vou tentar fugir, a dor é rara.

Eu conheço Alice e sua estranheza. Invadi seu sonho e mostrei-lhe o que é dureza.

Não é sopa e nem bolinho. Navego nas ilusões inebriado. Navio fantasma sem âncora. Menino vadio sem sentimento.

Vou tentar fugir, cuspir na cara. Vou tentar fugir, a dor é rara.

Sinto cheiros como sonhos.

29/08/2010.

Homens

Em minha atividade, em minha passividade, sou rei e sou rainha, sou escravo e sou senhor.

Se o meu falo está dormente, o meu ânus tem ardor.

Se preciso de carinho, já não posso andar sozinho.

Sinto meu masculino corpo tremer.

Há um cheiro que emana do meu corpo suado que se inflama.

Um pedido em meu olhar.

Minha dor, feio esgar.

Não é orgasmo, é aflição, não é amor, é solidão.

[s. d.]

Os lábios da morte

Hoje venho cantar a morte.

Sinto sua presença e não a temo.

Ela está ali, sentada no sofá, e olha-me com seus olhos pacientes, olhos de mãe.

Eles encontram o relógio, ela é pontual.

Fico aqui, mirando a morte.

Às vezes, tento puxar conversa. Mas nunca fui bom para essas coisas!

Ela não responde, é mais enigmática do que eu.

Não, ela não está de negro, nem segura um cutelo afiado. Ela está nua, pálida, fria. Mas a boca, a boca é uma explosão de lábios vermelhos, tão cheios de sangue, tão suculentos.

Seus seios não me atraem, sua vagina seca não me atrai.

Ela é solitária, deprimida, resignada. E acaba de olhar para mim. Seus olhos não me dizem nada.

Finalmente, ela se levanta e caminha lentamente em minha direção.

Não tenho medo.

Seus lábios intumescidos causam-me arrepios e desejo.

Seus lábios têm cheiro de

[s. d.]

O cão

Todos os dias, inevitavelmente, o cão, olhar desesperado para a esquina.

Manhã. Tarde. Noite. Manhã.

Inevitavelmente, o cão baixa as orelhas, põe o rabo entre as pernas e volta ao seu pulgueiro.

Manhã. Tarde. Noite. Manhã.

Depois de toda a dor sofrida, revivida pelas ruas, o cão vai sozinho.

Abandonado. Conformado. E jamais esquecido, jamais, de seus infiéis donos.

Infiéis.

[s. d.]